

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»

DIRECTOR — J. J. da Silva Graça
PROPRIEDADE DA Sociedade Nacional de Tipografia
EDITOP — Antonio Maria Lopes

NUMERO AVULSO, 50 cts.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 6\$50. — Semestre 13\$00. — Ano 26\$00.
COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre 14\$00. — Ano 28\$00
ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00. — Ano 34\$00.

Redação, administração e oficinas: — Rua do Seculo, 49, LISBOA

As Especialidades de BELEZA

do Instituto Anglo-Françes do Electrolysis, são de toda a confiança e de resultados seguros

CREME HOLTINE. Limpa, e branqueia, embeleza e tonifica a pele, tirando as rugas, manchas, cravos e segurando o pó de arroz. 30 dias de exito: 4\$00 grande: 4\$50 c.

AGUA HOLTINE. Maravilhosa para a pele. Limpa e evita a gordura e os pontos negros e tem a grande propriedade de fechar os poros: 4\$00 c.

PO DE ARROZ «HOLTINE». Finissimo e muito aderente: 4\$00 c.

SABONET «HOLTINE». Finissimo. Cada sabonete tem um atalho de pureza: 3\$00 c.

EMAL DE PEKLES. Para branquear a cara, pescoço, braços, etc. substituindo admiravelmente o pó de arroz. Não cae e não suja as golas: 3\$50 c.

FRECKLE CREAM. Creme infalível para tirar as sardas: 4\$00 c.

ANTI-TACHES. Loção para tirar as sardas sem irritar a pele. Infalível: 4\$00 c.

LOTION DIVINE. Tira infalivelmente os pontos negros e fecha os poros: 4\$00 c. Usa-se conjuntamente com o «Crema Holtine».

BAUME DE BEAUTE. (Para as peles secas). Amacia a pele, tornando-a fina e aveludada. Maravilhoso para o rosto: 4\$00 c.

LAIT ANTI-RIDES. Este maravilhoso leite impede e tira as rugas, aformoseando a pele: 3\$50 c.

CREME MARVELLEUS. Branqueia a pele, tornando-a fina e aveludada: 4\$00 c.

ROSALINE. Creme para dar a cor natural ás faces e aos labios. Muito aderente: 4\$00 c.

ROSALINE. Liquido para dar a cor natural ás faces, aos labios e ás unhas. Não sai ao comer e beber: 3\$50 c.

ROUGE DE VIE HOLTINE. Dá ás faces uma linda cor rosada: 4\$00 c.

DEODOR. Para tirar o cheiro dos sovacos. Indispensavel para todas as senhoras: 4\$00 c.

ELECTROLYSIS POMATUM. Faz desaparecer rapidamente acnemas, borbulhas e vermelhidão da pele: 3\$50 cent.

SAFE DEPILATORY. Tira momentaneamente os pelos sem irritar a pele: 4\$00 c. (Para tirar os «duma vés para sempre», ha só o tratamento pela Electrolyse no nosso Consultorio).

ANTIPOILS. «Preparado especial para impedir o aumento e crescimento da penugem: 5\$00 c.

SEVE SOURCILLIERE. Faz crescer as sobrancelhas e pestanas dando brilho aos olhos: 3\$50 c.

MYSTIFLOR. Para aplicar nas pestanas, sobrancelhas e palpebras, tornando os olhos grandes e cativantes: 4\$00 c.

GOIAS MARAVILHOSAS. Dá brilho e ternura aos olhos, tirando as inflamações: 4\$00 c.

HOLTINE FOR THE HAIR. Producto Ingles de mais alto valor para parar a queda e fazer nascer e crescer o cabelo, e restituindo-lhe a sua cor natural e impedindo-o de embranquecer: 5\$00 cent. (Não é pintura).

TONICO HOLTINE N.º 2. Para o cabelo gordo. Infalível contra a seborreia, calvice e faz nascer e crescer o cabelo, impedindo-o de cair e de embranquecer: 5\$00 c.

PELLICULINE. Tira maravilhosamente a caspa e dá vigor ao cabelo, parando a queda: 4\$00 c.

BRILLIANT TONIQUE. Dá brilho, flexibilidade e vigor ao cabelo, tornando-o muito sedoso: 3\$50 e 4\$50 c.

SHAMPOO HOLTINE. Em pó, para lavar a cabeça. Tira a caspa, deixando os cabelos brilhantes e sedosos: 5\$0 c.

BLONDINE. Descolorante da penugem e dos pelos tornando-os quasi invisíveis: 5\$00 c.

TINTURA HOLTINE. Para o cabelo e bigode. «Incomparavel e d'uma só applicação. Não sai nem mancha a pele, muito economica: 1\$500 c.

CUTI-CREAM. Tira as peles em volta das unhas: 2\$50 c.

SUC DE MIMOSA. Branqueia e amacia as mãos, perfumando-as deliciosamente: 3\$50 c.

VERNIZ HOLTINE. Da um brilho de diamantes ás unhas, protege-as e dá-lhes uma linda cor natural: 2\$50 c.

LOCAO HOLTINE N.º 2. Para tirar o verniz das unhas e preparal-as para uma nova applicação: 4\$50 c.

OXGALL. Ultima descoberta da ciencia, para diminuir os seios, as ancas, etc.: 7\$50 cent.

PO HOLTINE N.º 4 para enrijar os seios sem o augmentar: 5\$00 c.

PREPARADOS PARA O DESENVOLVIMENTO E ENRIJAMENTO DOS SEIOS. Resultados surpreendentes em 15 dias. Tratamento eficaz, infalivel e completamente inofensivo: 16\$50 c.

MAMMILLARY CREAM. Descoberta maravilhosa para aumentar e enrijar os seios: 7\$50 c.

LIQUID DENTIFRICE. Para a beleza e hygiene dos dentes e da boca. Branqueia muito: 3\$50 c.

POUDRE FLEURS D'ORIENT. Pó para banho e para a toilette do rosto. Torna a pele fina e branqueando beleza ao rosto e ao corpo. Deliciosamente perfumada: 4\$50 c.

LOCAO HOLTINE N.º 3. Tira infalivelmente a transpiração excessiva das mãos e da cara. Completamente inofensiva: 4\$00 c.

PO MEDICINAL HOLTINE N.º 3. Adstringente Especial para peles oleosas. Para pôr depois do loção n.º 3: 3\$00 c.

AGUA DE COLONIA. Extra-superior. 3\$00 e.

APARELHO ELECTRODINAMICO DO DR. HINSON. MODELO A. Destrução radical dos pelos em casa. Simplissimo e infalivel. «Unico» tratamento recomendado pelos medicos.

APARELHO: MODELO B. Para destruir os pelos e para applicações electricas ao rosto. (Desaparição definitiva das rugas, manchas, cicatrizes, verrugas, sardas, impingens etc.).

TRATAMENTO NO INSTITUTO. Destrução radical e garantida dos pelos, cabelos e penugem do rosto pela Electrolyse. Unica casa da especialidade, com 16 annos de pratica.

DESENVOLVIMENTO E ENRIJAMENTO DOS SEIOS. Ou a sua redução por um methodo completamente novo. Resultados rapidos.

CURA DA OBESIDADE E DA MAGREZA.

TRATAMENTOS ELECTRICOS AO CABELO. para parar a queda fazendo-o nascer e crescer.

TINTURA DOS CABELOS. Em todas as cores; Muita duração.

LAVAGEM DA CABECA. Com accção electrica. — Descoloração de cabelo.

ONDULACAO MARCEL. — MANUCURE. — SALAS SEPARADAS.

Madame HILTON, Directora do Instituto Anglo-Françes de Electrolysis

R. Anchieta, n.º 21, 1.º, D. (Ao Chiado-LISBOA)
Telefone C. 5386

NO PORTO: — Rua Alexandre Herculano, 236, 2.º
para tratamento e venda de Productos de Beleza.

Ao preço dos productos é preciso acrescentar de 1\$50 até 2\$50 para o porte e embalagem, conforme o peso.

O HOMEM MISTERIOSO

Que em 1920 profetizou a morte de MACHADO SANTOS e outros acontecimentos publicos (leiam o «Diario de Lisboa», do dia 3-11-921), e diz o vosso passado, presente e futuro, em amores e casamento, negocios, viagens, mudanças de vida, etc., é o *astrolog* go J. Rabesiana, que se mudou para a Rua Pascoal de Melo, 105, 1.º, frente, Lisboa. Se escrever envie 1:000 réis para a resposta.

MELINA

MATA-FORMIGAS

Vende-se em toda a parte.
Deposito geral:
Fernandes, Almeida & C.ª Limitada
RUA DO LARGO DO CORPO SANTO, 10, 1.º

O ERGA

E', segundo a opinião dos Ex.^{mos} medicos que o tem experimentado, um tonico de eficacia certa e sem igual, sobretudo nas afecções seguintes:
Anemia, clorose, neurastenia, paludismo, doenças do peito e enfraquecimento geral. Excelente nas convalescenças.
Excita o apetite e dá força sendo muito bem tolerado pelo aparelho digestivo.

Preço 4\$00
DEPOSITO HYPODERMICA
R. DO SAGRADO, 153 — TEL. 765 N

DENTES ARTIFICIAES

Extrações sem dor, corôas d'ouro, dentes sem placa.

R. Eugenio dos Santos, 35, 1.º
TELEPHONE C. 2659

PRISÃO DE VENTRE

Só se cura com as
AGUAS DE SANTA MARTHA (Ericçeira)
Deposito geral:
R. Affonso d'Albuquerque, 4
(Cruzes da Sé) Lisboa
Deposito no Porto: R. do Almada, 59-1.

CASA RUBI

Telefone: Central 3851

Iluminação, hygiene e aquecimento.

120 — R. DOS RETOZEIROS — 127
LISBOA

Gotas Divinas

Preparado ideal para tornar o cabelo á sua primitiva cor. Exclusivo da penteadora MADRILENA. R. Diario de Noticias, 41, r/c.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA



A GRANDE ATRIZ ANGELA PINTO

que a ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA, entrevista no seu numero de hoje

O ELOGIO DOS FUTEIS

EU sei que esta cronica vae contraria-la. Estou a adivinhar o protesto decido, veemente, que ha-de subir-lhe aos labios, que lhe agitará os nervos num estremecimento forte, de repulsa. Perdõe-me...

Eu não quero maguar o seu romantismo, essa volupia impenitente pelas emoções fundas, exageradas, em que você desperta e incendeia a sua angustia, toda a tortura insaciada dos sentidos.

A sua sensibilidade vibra só no clamor tempestuoso dos grandes conflitos, das grandes tragedias moraes: não entende o sentido pictural a entoação decorativa, preciosista, que a vida ostenta aos nossos.

Você é, enfim, uma romantica, uma supliciada, uma ardente emotiva.

As suas evocações avultam sempre e perpassam num cortejo sombrio, onde se erguem perfis macerados, aflitivos, que a dôr assinalou.

Compreendo e sinto bem a sua magua, essa ternura obsecante, fraterna, por todos os torturados, pelos loucos, tristes sonhadores que afogam a vida, a queima-la, na chama esvelta duma Anciade linda.

Mas os meus olhos já se cançaram... E ainda me sangram nas pupilas abertas as tatuagens vivas, dolorosas, vincadas a gumes de fogo, na maré alta do sonho, na maré alta da tormenta.

Agora voltei-me para outro lado, já exausto. E chego a invejar as horas brandas, aloiradas, daqueles que passam e apenas pousam ao de leve no tumulto já disperso, diluido, das paixões, dos dramas mais intensos.

Eles nunca viveram o instante supremo duma grande alegria, mas também não conhecem a dôr nem o travo dissolvente, venenoso, que ela deita a arder pelas almas. Os seus gestos, as suas frases teem sempre um colorido efemero, uma inflexão fragil, superficial, que se dissipa como um ritmo de espuma desprendido ao vento.

O alarido sonoro das sensações impetuosas, das sensações vibrantes, em sobressalto, só lhes tóca e tremula a epiderme.

Eles são enfim, os estilizadores ironicos da vida. São eles que desenhm o perfume airoso das formas e contornos, a leveza ondulante, preciosa, das palavras e conceitos.

E é nas suas atitudes, nas suas frivolidades, que eu folheio as mais lindas paginas desta epoca febril, desta epoca vertiginosa, de «magazines».

ANTONIO
DE
MONSANTO

ENVIA-NOS o sr. conde de Sabugosa, n'uma gentileza que nos lisongeu extremamente, a segunda edição das suas *Neves d'Antanho*. A ela se referirá, com o relevo que merecem sempre as obras do illustre erudito aristocrata, o nosso critico literario. Por hoje, só queremos acentuar ao sr. conde de Sabugosa a nossa devotada homenagem—nêste seu novo triunfo.

E' para notar o successo do *Auto dos Froleiros* da illustre poetisa D. Branca de Gonta Collaço, devido especialmente aos seus lindo versos musicaes, onde canta, n'uma aleluia emotiva, um coração luminoso de luziada.

SAIU na quarta feira *A Contemporanea*, um «magazine acentuadamente modernista, com um admiravel aspecto d'Arte e uma esplendida colaboração de individualidades em destaque na literatura de hoje. Entre outros elementos notaveis, mencionaremos uma carta em francez da grande escritora Rachilde, que faz parte do livro *Le Parc du Mystère*, que a illustre directora da *Mercur de France* escreveu de colaboração com Homem Cristo (filho) e que sai em Paris no proximo inverno; um artigo do sr. Alves d'Azevedo sobre *Higiene e Belas Artes*; uma linda capa de Almada Negreiros e varios outros desenhos de relevo ilustrando a sua curiosa *Histoire du Portugal par Cœur*; uma novela inedita de Fernando Pessoa, *O banqueiro anarquista*; uma interessante cronica de Afonso de Bragança, *Carta a um esteta*; e uns versos póstumos de Mario de Sá Carneiro, sobre Paris.

E' José Pacheco o director da *Contemporanea*, que encontra uma bela orientação no seu espirito culto, audacioso e superior. A José Pacheco, portanto, nosso querido e apreciado amigo, os nossos parabens.

ABRIU ontem, no Salão Bobone, a exposição do pintor belga Albert Jourdain, um nome bem conhecido e admirado entre os nossos artistas.

POR absoluta falta de tempo, não nos é possivel publicar hoje uns belos versos da illustre poetisa Candida Ayres de Magalhães, que sairão no nosso proximo numero. E igualmente só no proximo numero será possivel publicar a pagina do estrangeiro do nosso illustre colaborador Dr. Alfredo Rocha Peixoto.

SEGUNDA feira passada, teve lugar no Eden a festa oferecida pela Associação dos Trabalhadores de Teatro ao Sindicato dos Artistas Espanhoes. Varias figuras em destaque na scena portugueza, cantaram e recitaram primorosamente. Só lamentámos, por vezes, a impropriedade na escolha dos trechos.

O artigo que hoje damos sobre Cora Laparcerie é retardado do nosso numero passado. Julgámos, porém, que não perdeu a oportunidade.

APESAR de ir adeantada a época literaria, ainda este mez sairão algumas novidades a salientar: um volume de Alfredo Pimenta, um romance de Cesar Frias e uma novela de João Ameal. A capa desta ultima é do illustre aquarelista Leitão de Barros.



A FESTA DA FLOR



João Ameal, director da *Ilustração Portuguesa*, assaltado pelas gentis vendeuses no largo das Duas Igrejas

A Festa da Flôr é uma verdadeira festa de Maio: pelo sol que vibra nos grupos femininos, um sol de graça, de primavera e de côr; pelo bulício que espalha na cidade, um bulício de jardim em festa; pela espiritual beleza do seu simbolo, tornando cada mulher, admiravelmente, uma nova rainha santa.

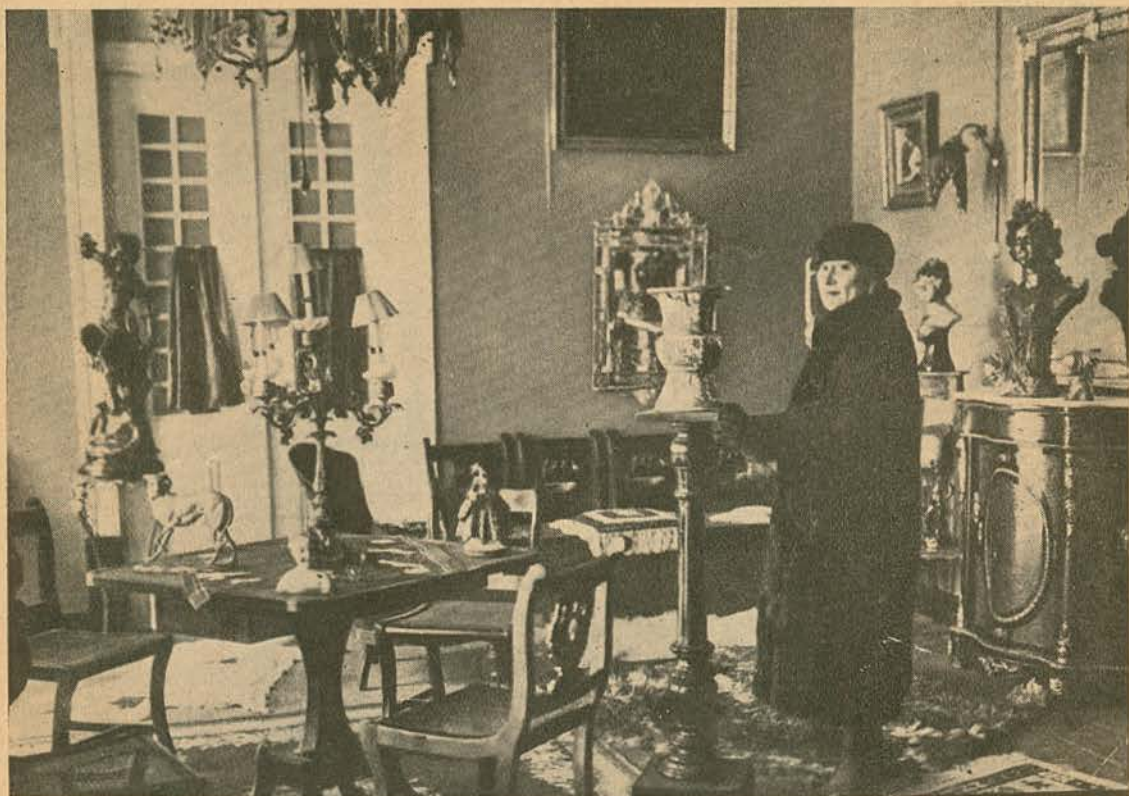
A Festa da Flôr, em Lisboa, teve, uma vez mais, o triunfo carinhoso de todas as obras de piedade e de coração. Pelas ruas fóra, todos os sorrisos se abriam

às vendeiras gentilissimas da flôr— todos os sorrisos e todas as generosidades. A' tarde, cada pessoa que passava era um canteiro de pequenas flôres brancas, rosadas, verdes, azues. Havia uma fraternidade no ar, um grande abraço luminoso de almas.

A Festa da Flôr é, em Lisboa, um dia-santo da rua—o unico dia do ano em que esse balcão agitado que é a rua toma a doçura abençoada e a serenidade victoriosa dum andar de Beleza, de Fé e de Ternura.



O ex-presidente da Republica sr. almirante Canto e Castro comprando a sua flor



Angela Pinto, a nossa grande actriz

ANGELA PINTO

A hora aprazada, quando me dirigia á residência da artista, eu ia meditando no seu grande génio — génio e alma que faziam dela a primeira entre os maiores do Teatro Português; e toda a vastíssima galeria dos seus «tipos», — na ópera, revista, comédia e drama — se illuminava de grandeza, ora em gestos lacinantes de irremediável angustia, de desespero e loucura!

Porque esta extraordinária mulher tem vincado, em todas as modalidades de teatro, sempre superiormente — desde o pollicia burlesco da revista até á tragedia do «Hamlet», — da amorosa rameira da «Severa» até á apaixonada rainha da «Exilada» — e sempre bem, ás vezes formidável, e nunca representando mal.

Em tudo isto pensava quando me abriu a porta uma creadita que me levou atravez dum corredor onde ha decoração de armas gaullicas, de adagas e punhais; depois uma salita elegante com estofos e espelhos, mais um belo salão luxuosissimo onde os passos abafam em peles e veludos e, enfim, um pequenino gabinete de trabalho caprichosamente decorado á portugueza — mobilia alentejana estilizada em verde escura com rosas claras, esteiras atapetadas, lanterna de ferro suspensa do teto — e por toda a parte desenhos, caricaturas, retratos aos milhares, todo um mundo de lindas recordações, um passado de glorias...

E' aqui o encantador refugio onde Angela estuda, trabalha, sonha e aninha as suas saudades — aquelas saudades de que ella me falou com lagrimas, na tremula e comovida evocação que todos os artistas teem ao entrar deca da Vida.

A artista não tardou; encantadora de modestia, na sua tunica de seda «gris», cabeleira vagamente loira, estendeu-me as magras mãos affectuosamente, com aquella sua voz d'alma, que captiva e prende...

... E que nada tinha para dizer, já tinha dito tudo...

— Uma mulher, uma artista como a senhora, nunca diz tudo; fica-lhe, sempre, alguma coisa para dizer, á espera do ultimo amigo curioso...

— Nada de novo aconter, mas conversemos.

— O que se passou na sua vida de artista, que esteve tanto tempo fóra do teatro onde hoje aparece, quas como hospede do publico?!

— Sabe lá?! — Desgostos coisas intimas que me fizeram adoecer gravente. Estive para não tornar ao teatro. Magoaram-me, falta de lealdade para mim que sou tão amiga de todos. Fizeram-me imenso mal; não teria voltado, pelo menos tão cedo, se os meus queridos collegas Robles Monteiro e Rey Colaço me não tivessem demovido dos seus propositos, com a sua insistencia delicada. Depois da crise consenti em trabalhar com estes artistas naigumas peças, em papéis men s violentos; mas tão carinhosamente me trataram, que estou decidida a ficar, definitivamente, no elenco da companhia que funciona no Politeama, onde conto fazer, pelo menos, trez peças.

— Do seu reportorio antigo?

— Francamente, ainda não sei que peças vão; prefiro, hoje, o teatro sereno, com um fio de ternura mas sem grandes violencias — não posso brincar com o meu coração.

— O seu reportorio era um encanto: — «A Zázá», «O Ladrão», «Frei Luiz de Sousa», a «Lagartixa», a «Exilada»...

— E tantas outras... não me fale desse tempo... tudo saudades, sombras... Pouco farei já desse reportorio, porque nem os nervos consentem, nem existe a maior parte dos artistas com quem criei essas peças. O Augusto e o João Rosa mortos; Ferreira da Silva doente; o Alexandre de Azevedo arredado; o Henrique Alves ausente... outros dispersos... Sabe lá a saudade afflitiva que faz o interpretar essas peças com outros artistas e embora de valor, mas com os olhos nos que partiram, que não virão jamais!...

— O passado é a grande tortura dos artistas, é o irremediável.

— E eu que o vivi, a esse passado, com paixão, sabe?! — com paixão a valer...

— A sua entrada para o teatro, conte lá?! — Uma tendencia, um caso de paixão?!

—Sim, talvez—é que tinha de ser: Eu gostava de teatro mas nunca pensara em ser actriz. Um dia, ahí pelos meus desasete anos, um rapaz actor de quem eu gostava, pediu-me para ir cantar numa festa de Luiza d'Abreu; eu cantava qualquer coisa—um flosito de voz timbrada e algum sentimento—fui á festa e o publico aplaudiu imenso. Esta coisa de palmas, do palco, a paixão pelo publico, sabe?!
—Tinha de ser; entrei para o teatro, estreando-me em Setubal num teatro barraca, na opereta «Simão, Simões & C.», e depois vim por ahí fóra, em todos os teatros, na opereta, na revista, na comedia, no drama, até hoje...
—Falou em paixão pelo publico?! Vejo que gosta do publico, que este lhe interessa...
—Imenso, gosto muito do publico e devo-lhe infinita gratidão; numa carreira já longa, sempre a trabalhar, aqui, no Porto, na provincia, nas ilhas, no Brazil, e sempre, sempre senti o publico a meu lado nas mais comovedoras manifestações. Claro que, tenho paixão pelo publico—um grande amigo!
—Qual a peça de que mais gosta!
—Diversas merecem a minha preferéncia,—como «A Emboscada», «O Ladrão»—mas das que mais gosto é «Primeira Causa», pela grande emoção e até pela técnica variadíssima de cada um dos actos; tem que fazer, mas gosto.
—Porque não resuscita alguma das suas creações menos violentas?
—Bem vê, isso não depende só de mim; há os elencos, o critério comercial das Empresas...
—Não lhe parece que no nosso teatro de comedia, onde estão aparecendo artistas nossos de grande valor todavia ha uma certa desorganisação, um pensamento errado e desproporcional sobre valores, uma falta de coesão que desacerta e complica?!
—Sinto isso, absolutamente de acordo; não sei bem as causas, mas é assim. Porém, no Politeama, onde estou, tudo corre muito bem e não me parece mau o conjunto: além de Robles e Rey Colaço, que é uma senhora gentilíssima e uma grande artista, está a Ester Leão, o Henrique de Albuquerque, Gil Ferreira, Raul de Carvalho, um novo com imensa vontade e valôr e tantos outros. Contamos ainda com o concurso sensacional da minha distintíssima colega Palmira Bastos que enriquecerá este conjunto, em algumas peças, com o seu grande valôr de comediante ilustre; ora com estes artistas já se pode fazer alguma coisa, e deixe-me dizer-lhe que muito gostaria de fazer qualquer peça onde além de outros, entrassem Rey Colaço e Palmira Bastos; é preciso agrupar os nossos artistas e mostrar ao publico que ainda podemos fazer igual e muitas vezes melhor que alguns estrangeiros de fama.
—A propósito, gostou da Pierat?
—Sim, como não gostar?! Uma artista correta quasi impecável, distintíssima; foi pena que viesse com um

conjunto fraco, por vezes bem desagradavel—mas ela, a Pierot, uma grande artista.
—E desta agora—Cora Laparcerie?
—Gostei imenso, muito mesmo, dela e de Colin que é um actor admiravel. Fui sempre assistir ás suas recitas no palco de S. Luiz, por não vir a horas de assistir de principio, visto trabalhar no Politeama. Gostei de Cora; ás vezes parecia-me que estava a ver-me a mim propria, em certas scenas, especialmente no «Mon-Homme».
—Sabe que a compararam com Cora, e que a maioria gosta mais da sua maneira?!
—Favor de amigos. Cora é uma grande artista; aquella scena do Tribunal, na «Danseuse Rouge», foi uma maravilha; em toda esta peça ela foi enorme.
—Porque não cria, entre nós, a «Mon-Homme»?!
—Antes de Cora vir tinha-se pensado na tradução para mim; talvez a fizesse ainda—está no meu genero; a «Danseuse» não...
Chamavam Angela ao telefone, pela terceira vez; a conversa era adoravel, mas a entrevista arrastava-se, tínhamos conversado muito, e o mais interessante, como sempre, não era para escrever...
Fizemos os cumprimentos, não os vulgares, os da praça, despedimo-nos com certa comocão, com o efusivo interesse que nos desperta, sempre, alguém que estimamos e admiramos muito.
A artista acompanhou-nos até á porta, onde lhe fizemos a ultima pergunta:
—Quando publica as suas memorias?
—Ah! Desisti, temporariamente; quando imaginei que havia morrido para o Teatro, supondo-me abeirada do tumulto onde ia depôr todos os meus sonhos de artista, pensei em publicar as minhas memorias—especie de derradeiro canto do cisne... mas como ainda não morri, ficarão as «memorias» para outra vez, e olhe que tenho lá coisas interessantes: rizo, lagrimas, comedia tragica e, sobre tudo, imensas saudades—enfim, a minha vida...
Durante o tempo que conversamos ela foi sempre a mulher, sem um traço de comediante, e com uma delicada ternura por todos os colegas—palavras de carinho para Adelina Abranches, auzente no Brazil; palavras de saudade para Lucinda do Carmo, a que morreu como as aves, e só viveu para a Arte e para a sua mãe.
Grande mulher, grande alma—é o meu ultimo pensamento de portuguez, ácerca de Angela Pinto que, se tivesse vivido em França, seria das maiores comediantes do mundo, como é a maior, entre as maiores artistas de Portugal.

JULIÃO QUINTINHA



Angela Pinto posando para a *Ilustração Portuguesa*



Um aspeto da cerimonia de homenagem a «Cora Laparcerie» no Teatro de S. Luiz, antes da sua partida

CORA LAPARCERIE EM LISBOA

“La Danseuse
Rouge”

“Zázá”

NÃO posso deixar de concordar em que fui um pouco leviano na minha primeira apreciação sobre Cora Laparcerie. No «Mon Homme», a illustre atriz não patenteava ainda os seus formidáveis recursos de teatro. Logo no dia seguinte, em «La Danseuse Rouge», a impressão que ela me deu foi duma extraordinária personalidade artística vibrando e fazendo vibrar, sentindo e fazendo sentir. «La Danseuse Rouge» não é uma peça perfeita. Tem mesmo uma técnica um pouco desequilibrada e torna-se, por vezes, um tanto ou quanto monótona. Entretanto, basta a



Cora Laparcerie no seu «Travesti» de «La Chèvre aux pieds d'or» em *La Danseuse Rouge*

“La Femme
Masquée”

“La Passerelle”

grande scena do segundo ato, a grande scena de «Toutcha» para firmar, por completo, o grande valor de Cora Laparcerie.

Ela gritou, chorou, deu uma intensa chama de tragedia á sua evocação. Toda a historia da sua miseria e da sua loucura passaram, numa febre violenta. Cora Laparcerie teve no final, uma verdadeira ovação onde estremeceu todo o entusiasmo do publico.

A terceira noite, foi a da «Femme Masquée». A peça é talvez a melhor de todas—embora muito inverosimil. O entrecho e um tanto ou quanto incoerente, as psicologias

tornam-se bastante contraditórias, e, contudo, mais uma vez Cora Laparcerie conseguiu, no seu papel, belos momentos de grande emoção.

«La Passerelle,» na noite seguinte, foi mais uma farça, genero «pochade», cheia de malícia e em que a atriz inteligentemente realizou um tipo de «canaille» admiravelmente caricaturado. E' claro que não apreciei tanto Cora Laparcerie nesta peça. Ela está á margem do seu teatro — do teatro em que ela é notavel e unica.

Já na «Zázá», a ultima das recitas da companhia francesa no S. Luiz, Cora reencontrou todo o seu temperamento superior, em algumas passagens de dôr e de ciúme. Entretanto, a «Zázá» não é a sua interpretação que mais me seduziu. Houve desigualdades. Cora Laparcerie estava decerto, um pouco, mesmo bastante cansada. Este foi o motivo porque ela não poudo fazer mais — aquele «mais» que nós esperavamos do seu talento.



Cora Laparcerie no momento da Inauguração da lapide com o seu nome no Teatro S. Luiz

Os outros interpretes afirmaram honestamente e claramente quanto valliam.

Colin um ator excelente, com boa presença, gestos elegantes, e uma voz que se torna maleavel a todas as inflexões. Mostra intelligencia e conhecimento do palco. Agradou-me, muito. Argus é correto, por vezes «vieux jeu» na declamação. Mas é uma figura que não fica mal em nenhuma personagem. Mercier é um centro ótimo. Faz as suas scenas com muito equilibrio e naturalidade. De Brives é um ator seguro. Na «Zázá» deu bem o feitto do seu papel Arioli. Helene Charles e Dorvalley são muito bons elementos de scena, com um «charme,» bem francês e que para nós é tão raro que até nos impressiona...

Os scenarios, nada sumptuosos, mas quasi sempre felizes.

E a companhia francesa partiu. Cora Laparcerie ficou com um logar na nossa saudade...

Antes da partida para o Porto de Cora Laparcerie, folhe prestada, no Teatro de S. Luiz, uma justissima e notavel homenagem: a descerração duma lapide com o seu nome illustre, e com a data em esse nome marcou, com decidido relevo, a sua passagem



pelos teatros de Portugal. Assistiram a essa cerimonia interessante muitos escritores e jornalistas, tendo assim Cora Laparcerie, á sua volta, a saudala, em nome de Lisboa, algumas das melhores figuras da nossa «élite» intelectual.

O illustre ator Collin no segundo ato da *Danseuse Rouge*, na scena do tribunal

LUIZ DE MONTALVO

Desenhos de Ary

A SEMANA HUMORISTICA

Uma "blague" de "boulevard"

O meu amigo G. que tem a felicidade de passar todos os anos dois meses em Paris contou-me ontem uma «blague» que teve este inverno a honra de uma tarde de vida no boulevard.

No casamento de Mademoiselle J., que se realizou em Janeiro passado em «Saint-Tomas d'Aquin», Madame Z. uma morena admirável que numa sociedade de distintos se distingue pelo esplendor da sua beleza e pela originalidade das suas «toilettes», apresentou-se com um vestido que fez furor. Na parte feminina dos convidados houve uma enorme curiosidade de lhe saber a proveniência: Fizeram-se suposições, inquiriu-se, averiguou-se: havia quem o dissesse «signé» Drecoff, outros afirmavam que tal maravilha não deixava de ser de «Poiret» e houve quem apostasse por «Madeleine, Madeleine».

Dias depois soube-se por uma das suas intimas que o vestido sensacional era, nem mais nem menos... uma camisa de noite.



Inconsciencia

... —Porque é que os pintores gostam tanto da paisagem? Não compreenderão a beleza que ha num corpo humano?—

E V. Ex.^{as} admiram-se?! As camisas de noite são actualmente tão elegantes que quasi passam por verdadeiras «robes de soir». E digo quasi porque tendo todo o vestido, que de tal mereça o nome, por fim principal despir artisticamente a mulher, as camisas de noite não realisam perfeitamente esse «desideratum»: da cintura para cima são menos decotadas, da cinta para baixo um pouco mais discretas...

Camisas, as camisas de noite!...

São de «crepes» caros e rendas preciosas, e custam centenas de francos.

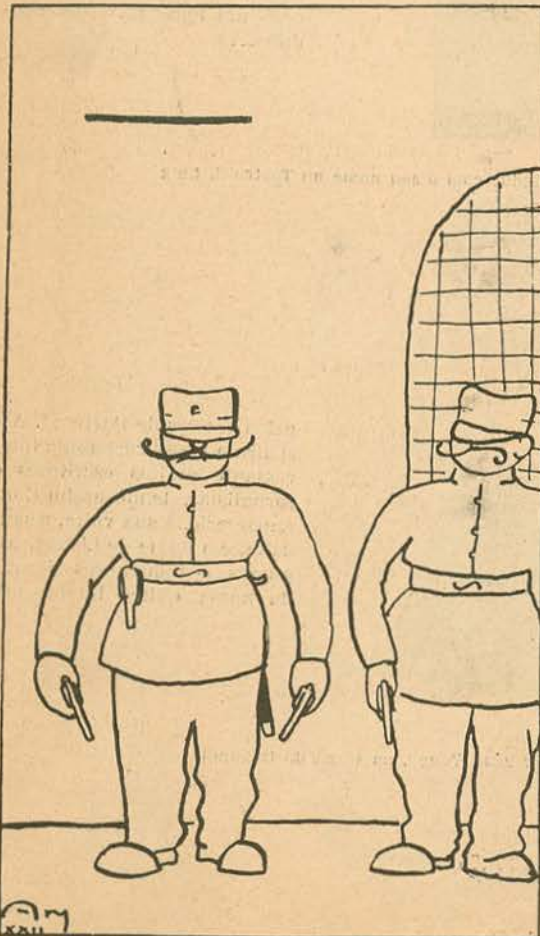
As mulheres mal contentes em nos arruinarem com os vestidos, as joias, os chapéus, gastam agora fortunas em camisas de noite.

E não ha que resistir... Qual será o marido capaz de levar a mal o que a mulher lhe gasta em camisas de noite lembrando-se dos momentos em que, admita tão encantador corpo... de delto...

Não vão, minhas senhoras achar a minha chronica um pouquinho nua!

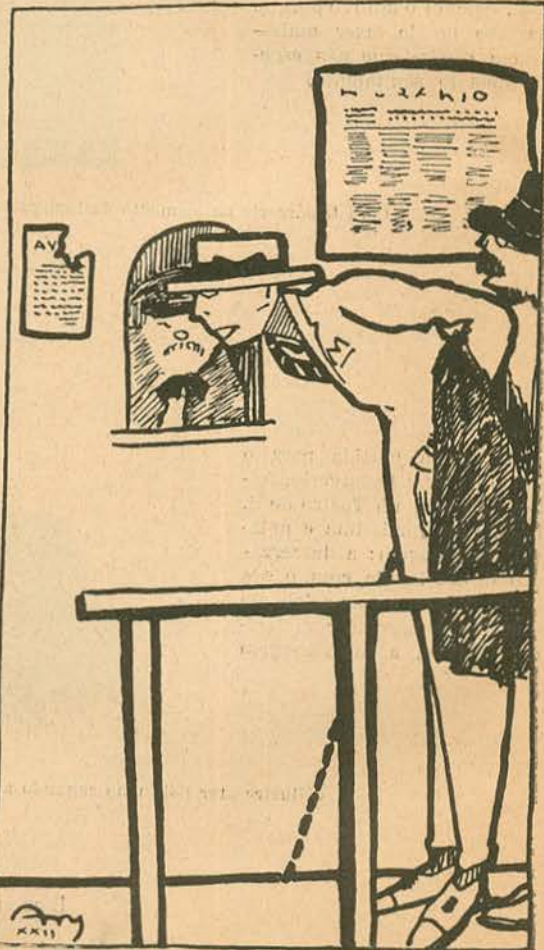
Pelo contrario... veste camisa de noite...

FERNANDO D. PAIVA



À porta das Belas-Artes

—Qual o crime que se praticou lá dentro?
—Um assassinato; uma natureza mortal!...



No Cais do Sodré

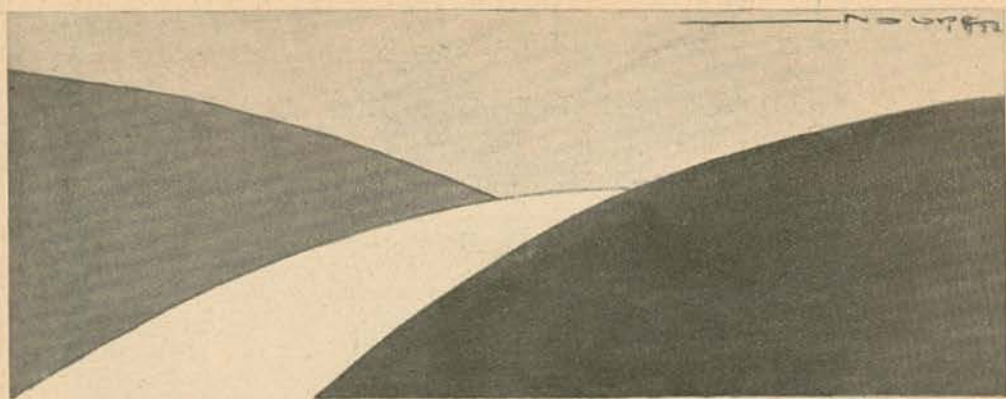
—Um bilhete de 1.^a para o Estoril.
—Para o Monte?
—Não senhor para a roleta...

JOHN DUNCAN

PINTOR DA MITOLOGIA MÍSTICA



O artista americano John Duncan é um devoto das figuras estilizadas e esbeltas, colhidas no vasto jardim simbólico da mitologia mística. Dos quadros seus que hoje reproduzimos, o primeiro representa *Os quatro cavaleiros da Apocalipse*, e os outros dois, respectivamente, *Alceste* e *Dido*.



ESTRADA NOVA

DE coisas do arco da velha se lembram os homens!

Pois naquela serra distante, de ares lavados, e ribeiras, e fraguedos, certo dia apareceram engenheiros e construtores a deitar planos para uma estrada real.

Tiraram medidas, formaram conselho... E lá se foram, nas alimarias, pelo vale ao diante, — arautos da civilização naqueles descampados de cabeços e sobreiros.

Pararam a meio da encosta, numa casa trigueira e pobre, para matarem a sede.

Serviu-os uma moçoila morena, olhos de amora, peitos redondos, no melhor cucharro que tinha.

Disseram-lhe uma chalaça, e largaram serro acima, as patas dos machos a tropearem nos calhaus.

Recortaram-se, por instantes, na crista do monte, e, quando se sumiram para as bandas do norte, já a tarde descia muito branda e muito triste.

A cachopa ficou, de braços pendidos, a sondar ainda o horizonte de oiro.

Perto, floresciam, vermelhas e agrestes, moitas fartas de sardinhetas.

Passavam perdizes, aos bandos, procurando a ribeira, para beber.

Souu um tiro, que as quebradas repetiram, até diluírem o som num murmurio longínquo.

E daí a instantes, assomava, entre o mato, o vulto de um caçador.

Vinha em mangas de camisa, o chapéu braguês descaído na nuca, dois coelhos pendurados no cinturão.

— Eh, lá! ó diáchum! Pois que mosca te picôum?

A rapariga, na soleira da porta, contou-lhe tudo.

— Tinham subidum por 'li ribam uns senhores es-

gravalhuços que, levaram desde o pinum do meio diam a deitarem estudos na courela do Manel Joquim.

Não atnava com aquilum.

Se calhar, era por causa das dècimas...

Boeram águam, e meteram a corta mátum, em di-reitura á Cortelham...

— Gente que anda na lidain! Quem está, está. Quem vai, vaím!

—«Deixa-te d'issum, môcam! Vamos á cêlam...»

E pregou-lhe uma palmada rija nos hombros, uma

palmada de amizade camponica, pois o demonio da rapariga não desviava os olhos. não se sabia se encantados, se desconfiados, do sitio onde tinha desaparecido a cavalgada.

E, pendurad as lebres, posta a um canto a espingarda caçadeira, prantaram-se os dois diante do tacho das papas de milho com ganas de o devorarem.



Tempos depois chegaram os cantoneiros.

A estrada rasgava o coração do Algarve, cheia de pitoresco e de imprevisto.

Amanhecia a primavera.

O perfume excitante das resinas e relvados, o ceu pleno e azul, a flôr branca das urzes que vestia os montes, como uma tunica, a harmonia rosa dos aloendros em todo o flo da ribeira, davam á serra um imprevisto

aspecto de scenario, a grandiosidade dum mar esculpido em vagas coloridas.

A obra desses homens, estendia, hora a hora, instante a instante, o braço poderoso da cidade anciosa de dominio, — a estrada ruiva e torcicolada, tentaculo formidavel e interminado, a enroscar-se nos montes, submetendo-os, prostrando-os.

O serrenho encarou a labuta com maus olhos.

Querido da imensa solidão daqueles montes, a presença de estranhos tinha qualquer coisa de violação aos seus domínios.

Todavia, a curiosidade impelia-o a observar atentamente a lida dos cantoneiros. Os grandes cilindros de pedra, o tinir das picaretas, as lindas cantigas que aquelas bocas traziam de côr, foram domesticando-lhe a alma esquiua, a ponto de chegar a receber tabaco e aguardente em troca da sua caça.

Afeiçoou-se ao rancho. Foi seguindo com eles, vale em fóra, ajudando-os nos carretos, e até a britar a pedra. Teve assim conhecimento que os marcos colocados aqui e além serviam para indicar lonjuras, e, deturpando-lhes o nome, chamou-lhes, pitarescamente, «quillóstremos».

Um dia, porém, tornado ao silêncio do seu monte, desaparecida a faina da malta, que era já um encanto para os seus olhos, o labroste ficou-se a magicar na vida, nas lindezas p'ra que a estrada era o caminho, naquela folga regalada que se leva na cidade, á barba longa, enquanto ele prá'li estava, mal-la Mariana, como um azinheiro velho, á espera da morte.

Sentiu desejos de abandonar tudo, — o cevão, a tirada da corcha, que era bem boa, graças a Deus, — e abalar, caminho fóra, como ganhão, peito feito á sorte. A serra já não era sua.

Só a alembança da companheira e a saudade das esperas ás codornizes, ao nascer do sol, á beira do Pego da Zorra, o fizeram voltar os olhos para a casa de adobe, — com uma ternura tão simples que era quasi um remorso.

— Mas, terminada a estrada, uma onda de ruidos invadiu o silencio sagrado da paisagem, como manchas de nedeas em corpos de marmore.

Eram os ecos da cidade.

Automoveis, trens, carros de carga, diligencias, récuas de muares, tudo isso começou a desfilar sobre o macadam arruivado, com as mil dissonancias de um

trafego intenso e complicado, — pulsação brutal do coração da vida, atravez uma arteria larga.

Da chapada do seu monte, via este formigueiro de trabalho e ambições a agitar-se, lá abaixo, na estrada nova, — na estrada, a fita intermina com que o egoismo enrola o mundo e o ata.

A sua natureza selvagem intimava-se com este bafo de civilisação.

O tentaculo da cidade, enrodilhava-o, esmagava-o. Velu-lhe uma tristura, que mais parecia molestia de morte.

Pensou em a levantar um casinhoto no serro dos Botelhos, — ingenuo desejo de fugir áqueles rebates loucos d' a aventura que um caminho de pedra batida poude acordar na sua alma.

Esqueceu-se das quinzenas em que ia á Cortelha, com o fato de vêr a Deus, a botar parola aos amigos.

A camisa engomada não mais saiu do fundo da arca, adormecida sobre as libras em oiro, do bom tempo.

— Atracou-lhe a malêitam, pelo vistum... Que quer vocemecêa que eu le digam?... queixava-se a fêmea ao lavradôr da Feiteira.

O lavradôr, que desamarrava a égua do tronco duma medronheira, enquanto alçava a perna sobre o albardão moírisco, largou, para o compadre:

— Leve-te o diab'altra, raio! Isso é bruxêdum, Cando é que assomas á Cortêlham?

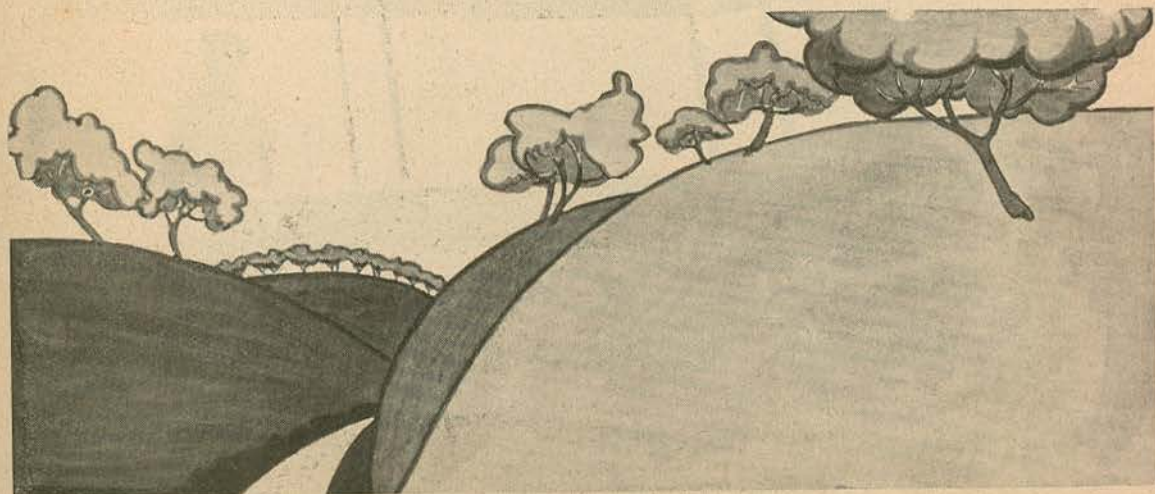
O serrenho teve um olhar torvo para a estrada nova, e, a praguejar, gritou a mais linda frase da sua ingenuidade lorpa:

— Algun dium, faziam tres leguas daqui á Cortêlham... agóram fazem doze ou quinze quillóstremos... Quem é que ráium pôde ir á Cortelham?*

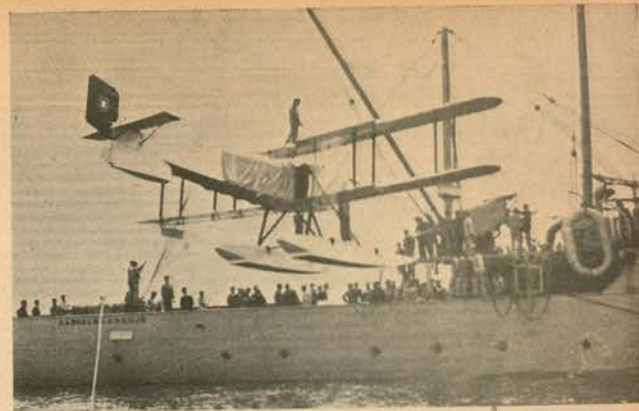
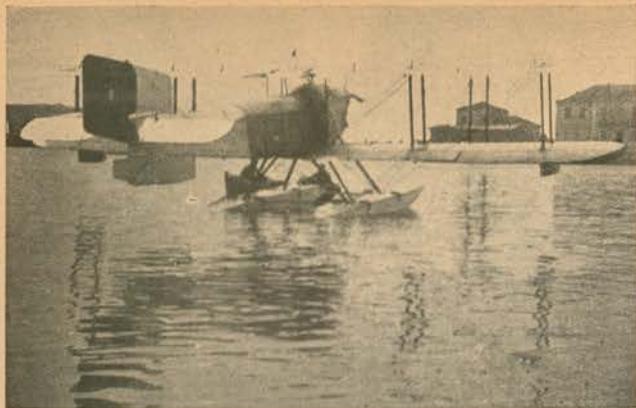
* A pronúncia na serra do Algarve, é nasalada nos finais, e a frase é dita ás sacadas.

José DIAS SANCHO.

(Desenhos de Roberto Nobre)



A PARTIDA DO "FAIREY" 17 A BORDO DO "CARVALHO D'ARAUJO"



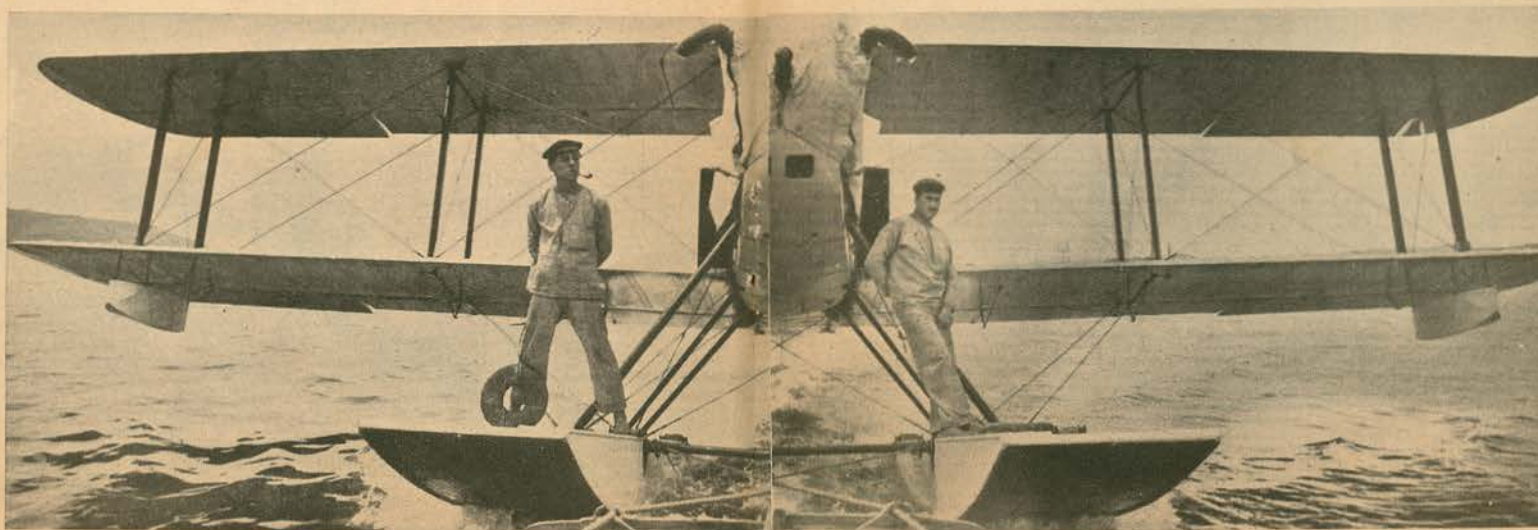
PARTIU PARA
FERNANDO
NORONHA A TER-
CEIRA GALERA
AÉREA ONDE OS
DOIS AVIADORES
MAGNÍFICOS ACA-
BARÃO O GRANDE
VÔ DA RAÇA. CO-



MOVIDAMENTE, OS
NOSSOS OLHOS FI-
CAM A SEGUIR O
"FAIREY 17",
ONDE VAE AGORA
TODA A NOSSA
ANCIEDADE E
TODA A NOSSA
ESPERANÇA.



1. O hidro-avião a caminho do «Carvalho d'Araujo».—2. O *Fairey, 17* içado a bordo do cruzador.—3. O comandante Cisneiros de Faria, do «Carvalho d'Araujo» dando ordens à saída.—4. Os mecânicos que trabalharam no *Fairey 17* para o tornar apto a partir. —5. A bordo do «Carvalho d'Araujo». O comandante Moreira de Carvalho, director da aeronautica Naval.—6. O *Fairey, 17* sobre as aguas.—(Clichés Saigado)



NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA ESCADA

Na sua capela na igreja das Mercês, em Lisboa, adora-se a imagem histórica e antiquíssima da Nossa Senhora da Conceição da Escada, que reúne á sua volta a devoção ajoelhada d'uma imensidade de fieis. Recentemente, realisou-se na pequena capela das Mercês uma cerimonia habitual, que consistiu em vestir a imagem da virgem com um manto picado d'estrelas doira-

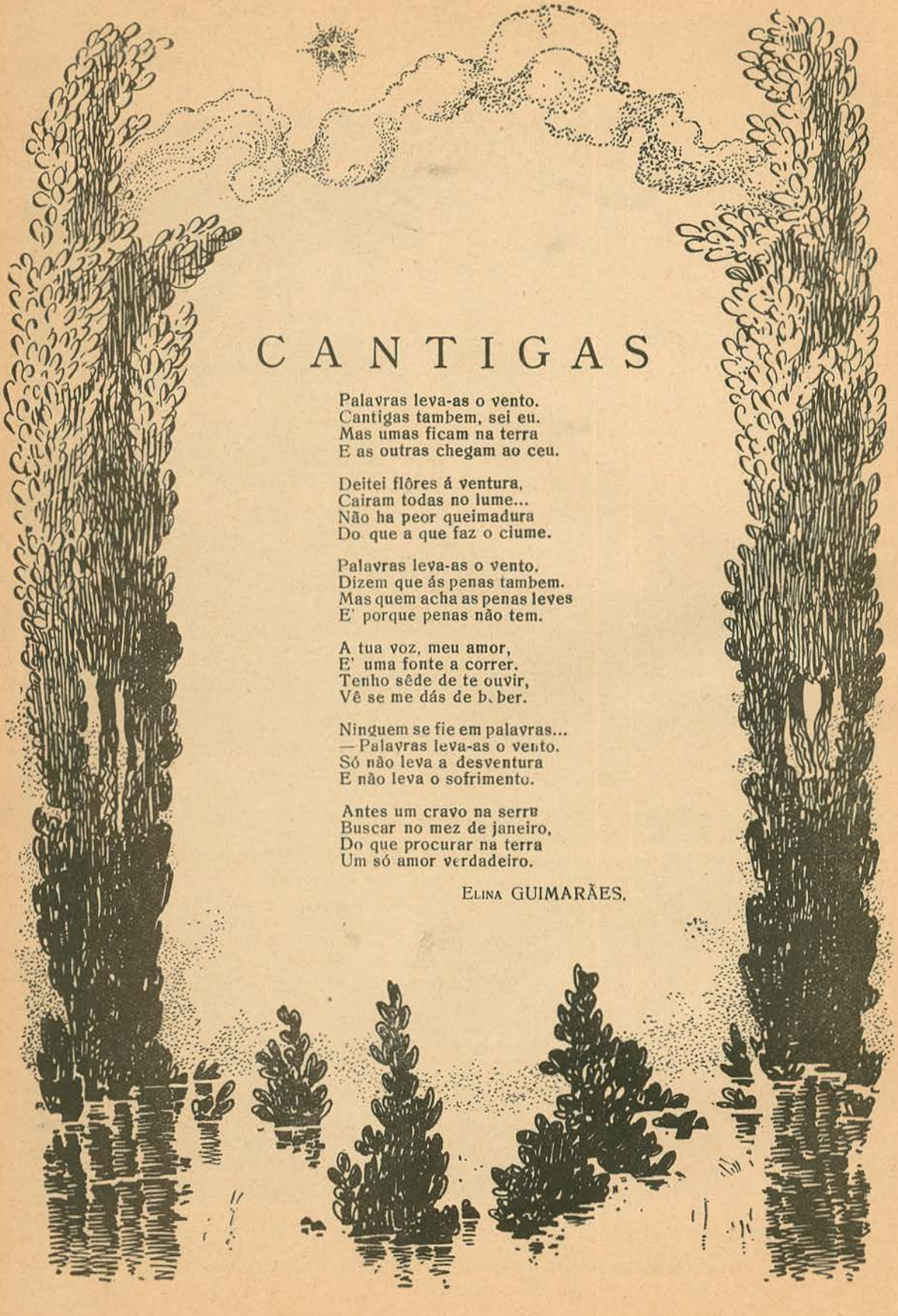


das. Entretanto, o mais interessante é a escultura da Nossa Senhora da Conceição da Escada, tal e qual a reproduzimos hoje, e onde se pode encontrar toda uma primitiva e tosca ingenuidade que lhe dá um encanto muito especial e muito raro. Nossa Senhora da Conceição da Escada é venerada desde 1760 ha cento e sessenta anos!...



OS «SPORTSMEN» PORTUGUESES EM INGLATERRA

Um mergulho sobêrbo «em andorinha» de Guilherme Street Caupers.



CANTIGAS

Palavras leva-as o vento.
Cantigas tambem, sei eu.
Mas umas ficam na terra
E as outras chegam ao ceu.

Deitei flôres á ventura,
Cairam todas no lume...
Não ha peor queimadura
Do que a que faz o ciume.

Palavras leva-as o vento.
Dizem que ás penas tambem.
Mas quem acha as penas leves
E' porque penas não tem.

A tua voz, meu amor,
E' uma fonte a correr,
Tenho sêde de te ouvir,
Vê se me dás de b.ber.

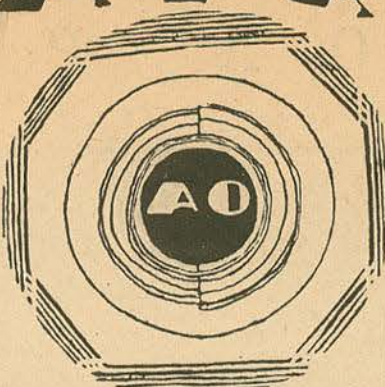
Ninguém se fie em palavras...
— Palavras leva-as o vento.
Só não leva a desventura
E não leva o sofrimento.

Antes um cravo na serru
Buscar no mez de janeiro,
Do que procurar na terra
Um só amor verdadeiro.

ELINA GUIMARÃES.

TEATRO

TIRO AO ALVO



O «Chiado Terrasse» abriu o verão com uma revista fresca — «fresca», sem ser no mau sentido... Fresca, pela cor, pelo movimento e pela vida. Conseguiu agora ser, realmente, a «terrasse» do Chiado, a terrasse donde o Chiado se debruça para observar, sorridentemente, as suas caricaturas e os seus ridiculos eternos...

Xavier de Magalhães, Luiz de Aquino e Lourenço Rodrigues são tres belos tecnicos da revista. O «Tiro ao Alvo» não tem novidades. Mas tambem não lhe falta nada do costume: o fado, o maxixe, os ballados «made in Belgica», as pernas... Ah! Perdão! No capítulo das pernas ha uma novidade: As pernas de Judite de Sousa, no numero das «Bonecas», um dos melhores. Judite de Sousa fala tão perfeitamente pelas pernas — como certas mulheres falam pelos cotovelos...

Na companhia, alguns elementos de valor. Primeiro, Maria de Lourdes Cabral, com uma voz que se salienta, uma voz intensa, poderosa, esplendida. Cantou muito bem a sina com olhos de cigana e depois o «fado dos olhos» com ares de cigana a quem se pôde ler a sina; e a sina é a melhor possível: o triunfo certo. Alegrim — cujo nome é uma garantia — é, na verdade, alegre, com intenções perfeitas nos gestos e nas falas, dando á scena a admiravel vivacidade que o tornou um comico magnifico. Alegrim é um «compère» ideal de revista — com ele nada é «revisto», é sempre tudo novo...

Outros valores; Julieta Rodrigues, feliz em alguns papeis, Dina Pereira disse as suas frases com muita intenção. Isaura Rocha, Honorina Cruz, Angelita Gonzalez, Maria Odeite, vivas, bulhcosas, expressivas. Santos Carvalho, soberbo, em certas rabuias. Rosa, impaga vel no quadro da «Cega-Rega...»

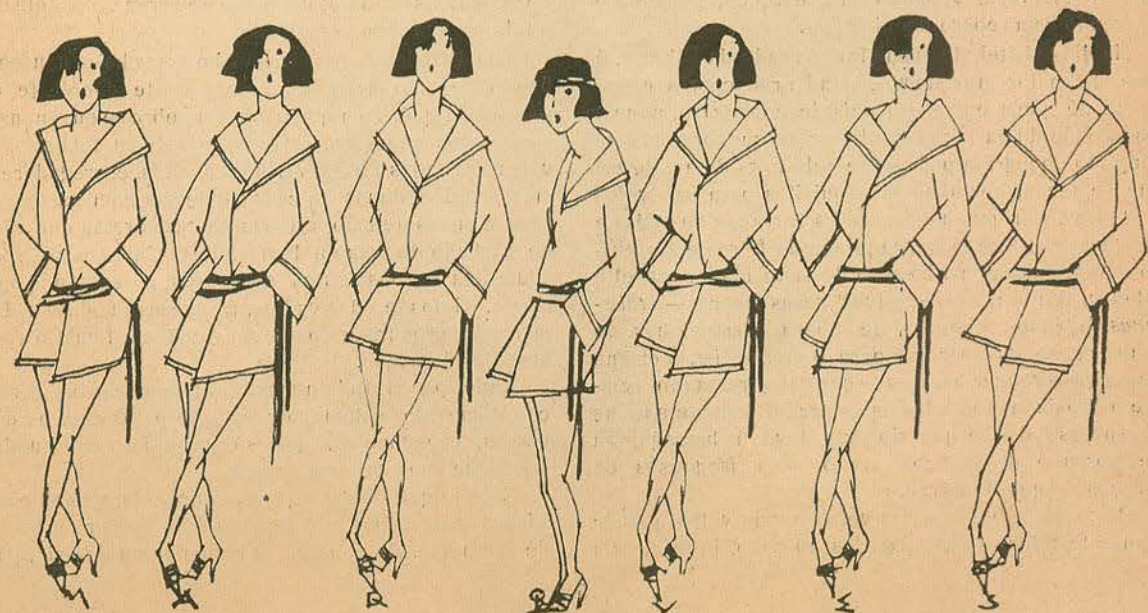
A destacar: Rosa Mateus, um «metteur-en-scène» original, activo, incansavel, que dança o maxixe e faz dançar o maxixe ás coristas.

Conclusão: boa. O «Tiro ao Alvo», por vezes esteve a falhar, como a apoteose do segundo acto. Mas, por fim, o avião desceu, a «atterissage» realizou-se... E a «atterissage» é o principal, nas revistas, que tem de ser sempre... «terre-à-terre...»



(Desenhos de Bernardo Marques)

João AMEAL.



L I S B O A P O B R E

O
mercado
da
Ribeira!



Barracas
e
vende-
dores

O mercado da Ribeira

LISBOA, se não é uma cidade luxuosa e rica, é uma cidade alegre, lavada pela brisa do Tejo, iluminada pelo sol quente, rara pela situação pitoresca, linda pelo favor de Deus.

Mas a Lisboa do Chiado, da rua do Ouro, a Lisboa civilizada, com as suas pastelarias, com os seus teatros, os seus hotéis, ignora a velha Lisboa, de ruas insalubres e curiosas tradições, ignora a Lisboa risonha dos jardins frescos e dos bairros tranquilos e ignora, sobretudo, a Lisboa pobre dos trabalhadores obscuros e dos sacrificados.

E bem perto do centro da cidade vê-se muito dessa Lisboa pobre, impressionante e colorida como um quadro de Goya, vivendo suja e típica, penando e morrendo sem reparo de ninguém.

Ha dias visitei, de manhã o mercado da Ribeira, á hora de maior movimento, e admirei, com a estranheza de quem entra em país desconhecido, aquele amontoado de barracas sórdidas, em que formiga uma multidão denegrida pelo sol e pela falta de aceio, em que se fazem cozinhados esquisitos para benévolos fregueses, em que ha desde as barracas de adélo e de vassouras até á barraquinha de flôres e de feitiços. Nesta ultima um homem de meia idade, afavel e falador, vende flôres — cravos, rosas frescas — e *talismans* ingénuos, cabeças de vibora e mãosinhas de toupeira, ao que parece para o eterno fim, a eterna cegueira — vencer amores — que vai arrastando sempre os apaixonados a todas as credulidades e a todas as superstições e que decerto leva á barraquinha de flôres e de feitiços muito mais fregueses de teitiços do que de flôres.

Perto desta barraca um velho e uma velha, pobremente vestidos, estão sentados no chão, junto de um

saco de grossa linhagem, cheio de caracóis, fazendo pacatamente a sua venda, num comercio primitivo e simples, sem despesas e sem balcão.

Enterneceu-me o velho par, existindo nessa humilde filosofia da vida, que é talvez a maior riqueza, porque é a unica que não se póde perder.

E percorri vagarosamente o mercado, conversando, perguntando, e em todos encontrei a resposta agradável, o olhar benevolente, sem desconfiança e sem mau humor. Soube, assim, que se póde almoçar ali peixe frito, pão e vinho, com uma despesa que varia entre dez e quinze tostões, conforme o preço do peixe sóbe ou desce no mercado. Um prato de sopa, que póde ser couves ou macarrão com favas, custa doze vintens e meio; um prato de arroz de bacalhau ou de ervilhas cinco tostões.

Mas de todas as barracas vinha esse cheiro nauseabundo de mau azeite frito, esse azeite iguobil, feito não sei de quê, com que a Lisboa pobre se envenena.

E pelos sujos arruamentos passavam figuras diversas, marujos fortes, varinas esbeltas, carregadores mascarrados, donas de casa modestas com sacos de rede e malas de mão, criadas de casas ricas que vão ao mercado de peixe e de hortaliça. Cabritos magros aguardam inconscientes e mansos a sentença de morte. Gatos e cães vadios, freguezes insolúveis do mercado, procuram, com a convicção da fome, o seu sustento de acaso.

Andei por ali toda a manhã, olhos curiosos, coração comovido, estomago revoltado pelos cheiros diversos, repugnantes, que só um olfato habituado consegue suportar sem nausea.

E creio que ninguém repara, ninguém pensa nesta Lisboa pobre, por que decerto deve existir um meio de melhorar, de sanear, de limpar tanta miseria, ga-



Um aspeto do mercado

nhando-se em
higiene o que
se perdêsse
em pitoresco.
Ali vive, traba-
lha, súa e
pena uma
Lisboa igno-
rada de muí-
tos que lhe
passam per-
to.

E, triste é
dizel-o, dos
sobejos dete-
riorados do



Comendo e bebendo

mercado ali-
mentam-se,
deploravel-
mente, muitos
entes que são
não só nossos
irmãos em
Christo mas
nossos irmãos
pela Raça,
pelo mesmo
sangue gene-
roso, ardente
é forte que
nos gira nas
veias.

MARIA DE CARVALHO

(Clichés Salgado)

Uma festa escolar no Teatro Nacional



Um aspecto da festa do Colegio Parisiense realizada no Teatro Nacional, na primeira quinzena de maio



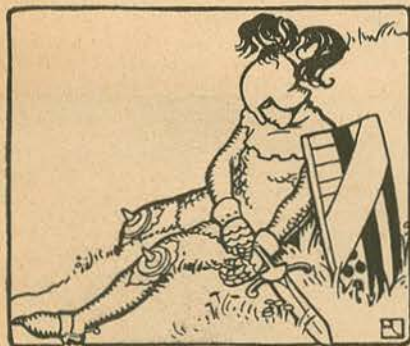
Um grupo de «Japonesas», que foi um dos grandes sucessos da festa

AS DOZE AVENTURAS DOS ANÕES DA CAVERNA ERA UMA VEZ UM GIGANTE...



IV

O anão Ferrabraz era o mais valente e o mais desempenado. A esse, não lhe faltavam aventuras, enquanto caminhou pela floresta; deu cabo de uma quadrilha de ladrões, armou laços às feras e divertiu-se o mais que poudé. Foi o unico, de todos os irmãos, que conseguiu atravessar a floresta de lés a lés e alcançar o paiz das montanhas de gelo, onde domi-



nava o bondoso rei Sorvete V. Esse paiz tinha uma particularidade muito curiosa: dividia-se em duas partes distintas, as planícies onde habitava a gente de bem, os súditos honrados e trabalhadores, e a parte montanhosa, toda coberta de gelo, onde viviam só os ladrões e bandidos das vizinhanças, capitaneados pelo gigante Latagão. Sempre que as tropas de el-rei Sorvete procuravam escalar as montanhas, o gigante e os seus companheiros pegavam em grandes blocos de gelo que, arremessados com força, vinham esmagar os assaltantes. O anão Ferrabraz, quando chegou a esse paiz, soube que se estava organizando uma nova expedição contra a montanha, na qual tomavam parte os soldados de uma nação vizinha, sob o comando do seu príncipe. O rei Sorvete V tinha prometido a esse aliado a mão de sua filha e herdeira, se ele conseguisse liberta-lo de tão má vizinhança. Sabendo de tudo isto, o anão foi logo oferecer-se ao príncipe para ir na sua companhia, quando se desse a escalada da montanha. O príncipe achou-o muito engraçado e prometeu-lhe logo que, no caso de se rhem sucedido na campanha, o escolheria para lobo da sua corte.

No dia do combate, o anãozinho lá ia, ao lado de Destemido, na primeira fila dos assaltantes. A batalha

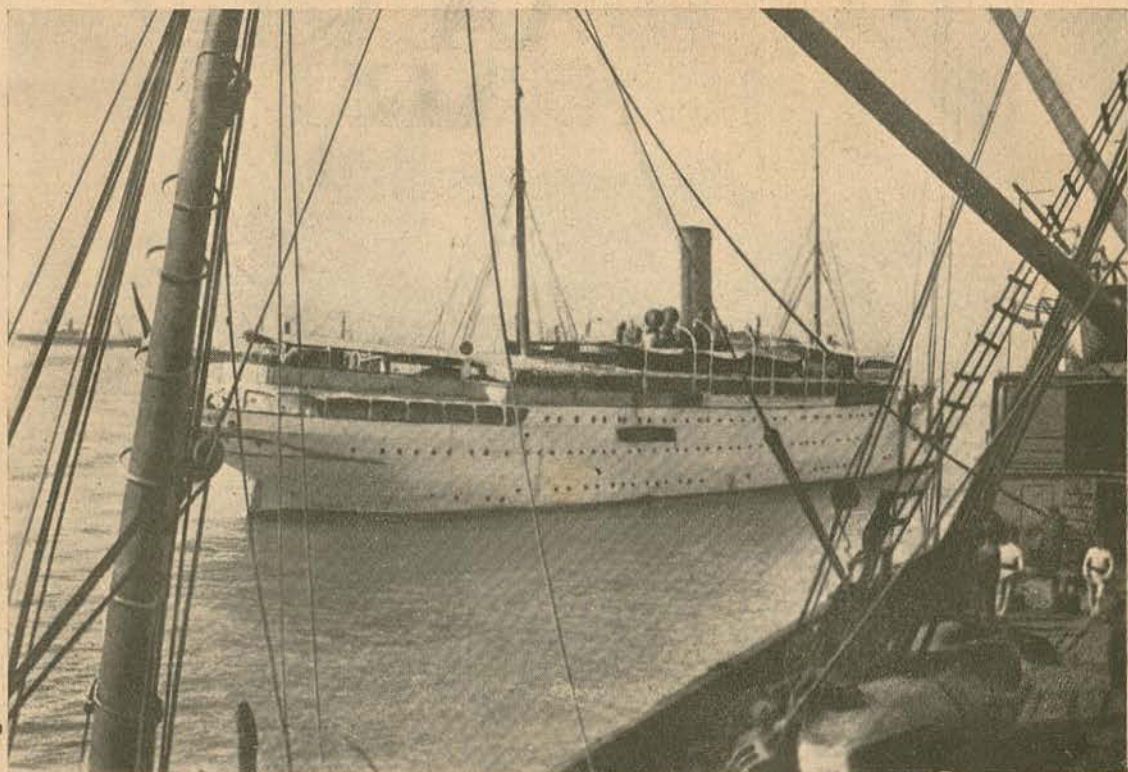
foi terrível. Os soldados não podiam caminhar, porque se enterravam, na neve; não podiam ajoelhar para fazer pontaria, porque eram logo atingidos por enormes bolas de gelo que, quando os não esmagavam, lhes atiravam com as espingardas para cascos de roilhas. Mais uma vez os bandidos de Latagão iam sair victoriosos! Mais uma vez os pobres habitantes da planície ficariam sujeitos a todas as maldades do gigante e dos seus companheiros! Do exercito de Destemido já poucos guerreiros restavam. Só o príncipe e o anão Ferrabraz continuavam a avançar. A batalha estava completamente perdida! Em certo momento, um projectil de gelo, atirado pelo proprio Latagão, veio atingir o príncipe que caiu desmaiado. Nesse instante, toda a gente assistiu a um espectáculo inesperado: e anão Ferrabraz — que parecia tão valente! — desatou a fugir com tal pressa que parecia levar azas nos pés... O que ninguém sabia é que ele lá tinha a sua ideia! Chegando a um povto da montanha onde não podia ser visto pelos bandidos, o anão servindo-se do seu maravilhos cabelo verde — transformou-se num enorme urso branco. Copfundindo-se com a alvura do gelo, começou a trepar até ao cume do monte e, sem que dessem por ele, introduziu-se na barraca de campanha do gigante Latagão. Aproveitando um momento em que este, no intervalo do combate, entrava na barraca, para comer alguma coisa, o urso caiu-lhe em cima e com tão vontade que logo o matou. Então Ferrabraz retomou a sua figura de anão e, pegando numa aguçada faca, cortou o cabeça do gigante e atirou-a para fóra da barraca. Os companheiros de Latagão, logo que a viram, puzeram-se em fuga, sentindo-se perdidos e julgando que o inimigo, graças a qualquer estratagemma, tinha conseguido invadir o seu campo. A cabeça do gigante foi rolando pela montanha abaixo, até ir esbarrar no proprio corpo do príncipe



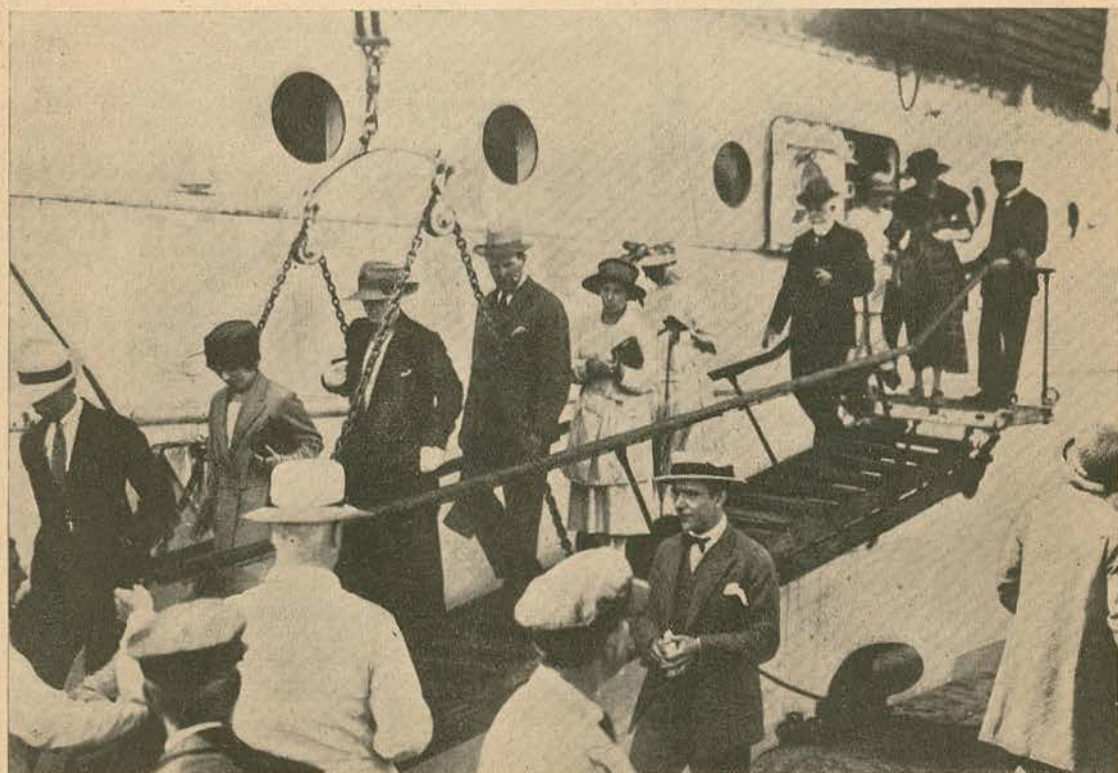
Destemido que teve a alegre surpresa de a vêr ac pé de si, logo que recobrou os sentidos. Quem o príncipe nunca mais viu o ousado anãozinho que, não gostando de ser bôbo de ninguém, já ia de novo a caminho da floresta, ao encontro dos manos que talvez nem acreditassem na sua extraordinária façanha.

TEREZA LEITÃO DE BARROS.

Desenhos de Rachel Gameiro Ottolnti



O *Meteor* fundeado no Tejo



Os passageiros do *Meteor* que visitaram Lisboa, ao descer para terra, pela *passerelle*

CRITICA LITTERARIA



José Dias Sancho

“IDOLOS DE BARRO”

Julio Dantas

Por JOSÉ DIAS SANCHO

“D. ALEIXO”

(Romance)

Pelo CONDE AURORA

“DOR VICTORIOSA”

(Novela)

Por JULIÃO QUINTINHA



Conde de Aurora

OS IDOLOS DE BARRO: II JULIO DANTAS por José Dias Sancho. — O sr. Dias Sancho, contista algarvio e colaborador d'esta revista, alcançou um logar notavel na critica quando publicou o 1.º volume da serie *Idolos de Barro*. Não posso elogiar incondicionalmente esse seu primeiro trabalho de critico, pela falta de serenidade que ele mostra. A attitude constante de sarcasmo, mal intencionada e esteril, é indesculpavel em estudos d'esse genero. Felizmente, o critico reconheceu-o e este 2.º e ultimo volume da serie traz, com mais calma, a simples e bastante enumeração de factos. Na sua investigação e no modo como no-los apresenta mostra o sr. Dias Sancho um excelente criterio de observador e uma cultura invulgar. O que o critico tem que evitar é o contagio. Se no primeiro trabalho ganhou um pouco de azedume no contacto demorado com uma obra pessimista e azeda, neste segundo não conseguiu fugir ao lugar comum de frases, de metáforas e de imagens (as rosas de Malherbe, etc.) e ao uso dos termos scientificos fóra de proposito (a sua ideia do que seja o daltonismo é errada, a accusação do anacronismo das theorias sobre a hereditariedade é injusto).

Desta falta de independencia resulta uma personalidade litteraria hesitante. Mas a sua synthese da obra de Julio Dantas, expressa do termo *Lindismo*-amalgama de romantismo, de realismo, de parnasianismo, de preciosismo simbolista, apresentada n'um pires de Sévres-e mais meterialmente ex-

pressa nos «papelotes intellectuaes das levanias da baixa» ou na «mayonnaise de pelica» tem espirito e arrôjo. As analizes a pags. 50 e 51, estabelecendo semelhancas de situações, de ideias e de frases entre todas as obras do autor em estudo, evidenciando falta de facultades renovadoras, são argutas e justas

Acusando a obra de Julio Dantas, de entreter um «sensualismo empolgante» e de por isso ser preferida pelas mulheres não faz o sr. Dias Sancho bom trabalho de psicólogo. O que, a meu vêr, as atrae n'essa obra é a sua fiel e isistente retratação; e tambem, diga-se a verdade, como de resto o proprio sr. Dias Sancho reconhece, o entretenimento que ela causa. «a face mais invulgar da obra do sr. Dantas».

*
“D. ALEIXO” ROMANCE pelo Conde d'Aurora. — O «D. Aleixo» do sr. Conde d'Aurora, que só agora chegou a esta redação, publicado ha quasi um ano, foi lido n'essa occasião e dele conservo a ideia de que o seu autor se me anteolhou como uma notavel vocação de romanista. Lembro-me de que ao serviço de uma profunda emotividade creadora estava uma tecnica muito bem equilibrada, e este primeiro romance foi para mim mais do que uma promessa litteraria, uma intensa e vibrante affirmação do talento.

Não tenho agora á mão o livro do sr. Conde d'Aurora para o releer e transcrever as notas que á margem do meu exemplar escrevi. Vieram-me á ideia ao lel-o, e d'elas

muito bem me recordo, vagas sugestões do Eça da «llustre casa» e varias situações de entretcho semelhantes ás dos romances de Camilo. Lembro-me de esplendidas descrições da vida e paisagem minhotas, de um intermedio de bohemia artistica em Paris e de um pujante quadro de vida americana nos arredores de Buenos Aires. Este desenrolar cinem atographico de scenarios e de ambientes tornávam o romance interressantissimo.

O episodio pricológico do heroi, que corria a cem á hora sob uma accidentada primavera de aventureiro, era agradável de seguir, tão agradável que não esqueci o facto de o ter lido com real emoção e anciedade, todo de um follego, numa tarde nebulosa de novembro passado.

*
DOR VICTORIOSA por Julião Quintinha. — Não se trata de uma noveia d'arte.

E' um enredo de propaganda politica e como tal o sr. Quintinha afastou-se um pouco do caminho que tão belamente tomou ao escrever *Visinhos do Mar*.

Tragedias como a do seu heróe, aparecem em todos os regimens, em todas as organizações sociaes. São humanas. Loucos sempre houve. O adulterio figura nas hipóteses do amor livre. Litteratura d'esta é que é preciso que acabe. E' inutil. Esperemos que nas *Terras de Fogo* o sr. Julião Quintinha se desgoste deste retrocesso no gosto litterario e na concepção da beleza. ☞

RUDE VERAS

E L E G A N C I A S

A moda, cedendo a um capricho subito de impressões fortes, decidiu quebrar a branda monotonia das cores esfumadas em tonalidades tristes, arrancando da sua tuba de sonoridades magicas as notas vibrantes das cores quentes, brilhante, ausadas, essas cores de furia que trazem nos seus reflexos perturbantes visões do Oriente, que nos evocam lendas nostalgicas, paizas de sonho!

E ei-la, em plena orgia de cores e brilhos.

Mas quanto tacto, quanto espirito, quanta intuição, são necessarios para ailar, sem desmerecer da estetica, sem ferir o bom gosto, elementos tão discretos entre si!

Anos atraz, quando o culto dos esbaldidos imperava na estesia da «toilette» feminina, era facil arrancar do todo uma nota impressionava, um traço rapido de cor viva marcado por um laço, por um galão, por um bordado que ressaltava, delicioso de petulancia, do conjunto neutro.

Agora é bem mais difficil. Saber casar verdes com azues, roxos com vermelhos, não é tarefa acessivel a espiritos banaes, nem a vontades timidias.

E afinal o segredo da combinação, reside apenas na escolha inteligeete dos tons.

O vermelho pode harmonisar agradavelmente com o rôxo, porque não? O caso está em saber descobrir um determinado tom de vermelho e buscar-lhe para companheiro um tom de rôxo escolhido sablamente entre as variadissimas «nuances» que a cor nos oferece. E o mesmo sucede com todas as outras cores.

Para exemplo, vi trez modelos «dernier cri» compostos com cores vivas e contrastantes e que mereceram o bemplasito da moda.

Quantos clamores, quantos protestos soltariam as elegantes de outros tempos se a moda lhes apresentasse então «toilettes» como as de hoje, em que as cores mais antagônicas—aparentemente—se nlaçam carinhosamente, como se a rivalidade e a incompatibilidade nunca as tivessem separado com barreiras até ha pouco consideradas inexpugnaveis pelo bom gosto.

AGARENA DE LEÃO



1.—Toilette de passeio em crepe romano nas cores azul escuro e verde jade —

2.—Para reuniões da tarde. Delicosa combinação de tons violeta, rosa e preta

3.—Toilette de jantar em marrocam verde esmeralda, p riê de cristal

TONICO YILDIZIENNE

O tesouro dos cabelos

Faz nascer e crescer os cabelos. Cura a caspa, a canice, a calvice e todas as doenças do ouro cabeludo em todas as edades e em todos os casos.

Tintura Yildizienne

Instantanea. A melhor e mais rapida do mundo.

Regenerador Yildizienne

Cora os primeiros cabelos brancos em 8 dias.

Schampoo Yildizienne e Skaffe

O melhor que ha para lavar a cabeça e tirar a caspa.

Brilhantina liquida Yildizienne

Para dar brilho e leveza aos cabelos.

Brilhantina solida Yildizienne

Ondulante favorece a ondulação e dá aos cabelos um brilho incomparavel.

Academia Scientifica de Beleza

Avenida da Liberdade, 23—Lisboa

TELEFONE 3641

Resposta mediante estampilha

Peçam em toda a parte os acreditados productos d'esta

ACADEMIA DE BELEZA

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

Instituto Nacional

de

Ensino por Correspondência

L. TRINDADE COELHO N.º 6

LISBOA

Em qualquer dia do ano pode requisitar-se matricula nos cursos de Escriuração Commercial e Contabilidade professados neste Instituto.

O Instituto envia gratuitamente, a quem as pedir, as condições para a matricula nos cursos referidos e uma brochura em que se acham descritas as vantagens do ensino por correspondência, comprovadas por numerosas cartas de alunos que já fizeram os seus cursos.

O Instituto tem alunos em todo o país, ilhas, colonias e estrangeiro, e só lecciona por correspondência (mesmo aos alunos que residem em Lisboa) porque o ensino por correspondência, tal qual é feito no mesmo Instituto, oferece vantagens que o ensino em classe não pode oferecer.

Água amarela

Remedio que mata rapidamente todos os parasitas da cabeça e corpo. Destroa lendeadas e limpa a caspa.

Preço 2\$000, pelo correio 2\$500

Deposito geral: FARMACIA SIMÕES

Rua Infante D. Henrique, 54

A S. THOME — LISBOA



Na cura da fraqueza geral, fraqueza cerebral, fraqueza genital, neurastenia, anemia, tuberculose, doenças do coração e pulmões,

afecções nervosas, suores noturnos, prostração física, menstruações irregulares, perdas seminaes, escrofulas, linfatismo, falta de appetite, palidez, hemorragias, afecções osseas, raquitismo, digestões laboriosas, prisão de ventre e fraqueza senil. Rapido e energico. Tonic por excellencia do sistema nervoso e muscular, aumentando sempre a resistencia á fadiga derivada

do esforço muscular prolongado, quintuplicando as forças e evitando a pobreza fisiologica traduzindo-se o seu efeito por um aumento de peso e de forças. As pessoas que habitam nos climas quentes e as que se dedicam a «sport» tem absoluta necessidade de fazer uso do «Formiol», com o fim de evitar o exgotamento fisico derivado do excesso do clima e do abuso das forças.

Este medicamento tem sido experimentado por varias sumidades medicas doentes (como podemos provar) obtendo sempre otimos resultados. Não tem dieta A' venda em todas as farmacias e drogarias. Preço 5\$00 Correio, até dois frascos mais 50 centavos. Deposito geral: Farmacia Albano, rua da Escola Politecnica, 59 Lisboa. Depositarios em Lisboa: Farmacia Barral, rua do Ouro, 128; Estacio, Rocio, 60; Azevedo, Rocio, 31; Plimintel & Quintans, rua da Prata, 196. Porto: Farmacia Birra, Praça da Liberdade, 124, Coimbra: Farmacia Nazareth, R. Ferreiro Borges, 139, Santarem: Farmacia Bastos, R. da Misericordia, 121, Setubal: Farmacia Oliveira, R. da Misericordia, 14. Evora: Farm. Ferro, R. João de Deus, 33. Faro: Bandeira & C.ª rua de Santo Antonio, 50. Africa Occidental: S. Tomé, José Pedro da Fonseca, rua General Calheiros. Benguela: Farmacia Continental Loanda: Serra, Annes & Irmão.

MODERN OFFICE L.^{TD}



CASA ESPECIAL

DE

MOBILIARIO PARA ESCRITORIO

(Sistema Americano)

Rua do Alecrim, 107 e 109

LISBOA

Telef. C-1173

Teleg. OFFICE

Visitem a nossa exposição

ORÇAMENTOS GRATIS